



VISÃO DO CORREIO

Incerteza ronda a vacinação

Depois de muita relutância, o Ministério da Saúde admite que a imunização contra a covid-19 pode parar. Faltam insumos para que o Instituto Butantan, que responde, atualmente, por nove em cada 10 vacinas aplicadas no país, siga produzindo as doses necessárias. A situação também é preocupante na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que, sistematicamente, tem jogado para baixo a previsão de entregas ao plano nacional de proteção à saúde da população prometido pelo governo.

Na última quarta-feira, o Butantan paralisou a produção de vacinas por falta de IFA (ingrediente farmacêutico ativo, e a previsão é de que a China entregue a matéria-prima dentro de uma semana. A Fiocruz diz ter o insumo para até o início de maio. Não por acaso, a imunização dos brasileiros tem sido muito lenta. Até agora, 22,6 milhões receberam a primeira dose e só 6,8 milhões, a segunda. Curitiba e Goiânia suspenderam a vacinação por falta de doses. No Distrito Federal, há incertezas quanto à continuidade do processo de imunização.

Em contrapartida e esse quadro, o número de óbitos cresce dia a dia, e beira 4 mil vítimas a cada 24 horas. Especialistas anteveem que, diante do aumento exponencial de infectados, do colapso nas redes hospitalares pública e privada, da escassez de oxigênio e medicamentos, serão 5 mil mortes diárias em todo o país. Acrescente-se, ainda, a vacilante política de estados e municípios na decretação de medidas restritivas, pois acabam cedendo às pressões de diferentes segmentos produtivos e políticos. O relaxamento do isolamento social agrava a situação.

O governo federal, por sua vez, contrário às orientações dos sanitaristas, é o primeiro a contestar a suspensão das atividades econômicas para conter a propagação do vírus. Faz sinalizações opostas às orientações até mesmo do Ministério da Saúde. Instiga a população a ignorar as recomendações da

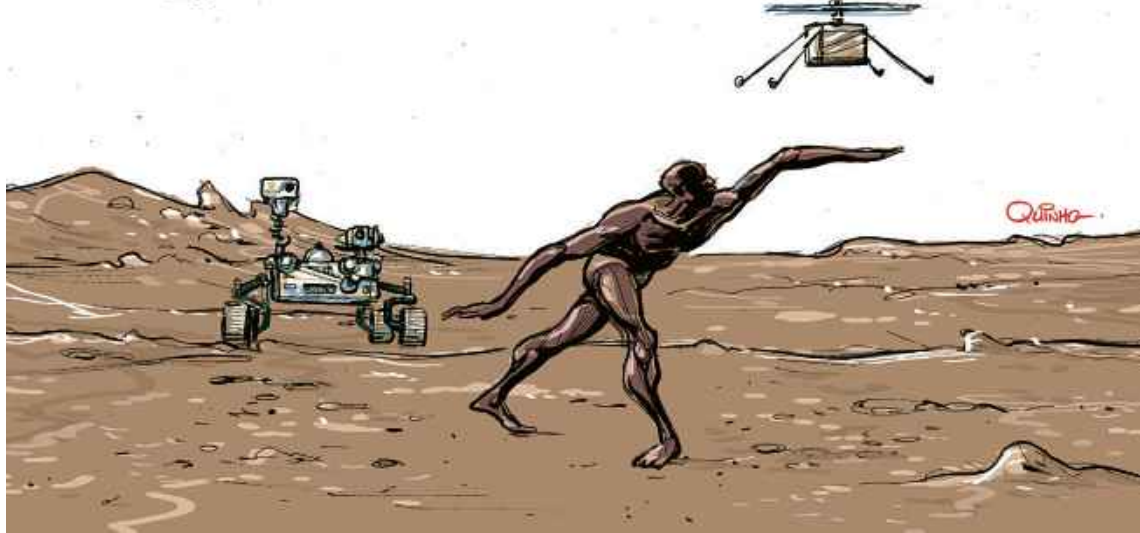
ciência e a retomar suas atividades normalmente, como no período pré-pandemia, pois teme que a economia naufrague. Abriu mão da sua prerrogativa de coordenar, em âmbito nacional, o enfrentamento da epidemia, embora o Brasil tenha o melhor programa de imunização do planeta, com eficácia reconhecida pelas nações desenvolvidas.

O ministro Marcelo Queiroga, da Saúde, afirmou que o governo “não tem vara de condão” para solucionar os atrasos na entrega de vacinas. Ninguém espera mágicas do poder público para estancar o morticínio. Exige, no entanto, que providências sejam adotadas com a rapidez que a tragédia sanitária impõe. São mais de 350 mil mortos e, no atual ritmo, o semestre poderá fechar quase 500 mil, projetam epidemiologistas.

A responsabilidade, em grande parte, é do governo federal. Recusou propostas de laboratórios, como as da Pfizer, apresentadas em meados do segundo semestre de 2020, por entendê-las “draconianas”. O início da imunização foi postergado pela incapacidade de fechar contrato com os laboratórios, quando países europeus e Estados Unidos avançavam na vacinação. A primeira dose foi aplicada no Brasil em 17 de janeiro — mais de um mês depois do início da campanha no Reino Unido.

De lá para cá, o plano nacional de vacinação, quantidades de vacinas e datas não se confirmaram por uma sucessão de desencontros entre os discursos e a realidade, ou melhor, os contratos não foram fechados no momento certo e necessário. Torna-se urgente — para ontem — que as autoridades governamentais mobilizem todas as forças e mecanismos diplomáticos disponíveis para que haja insumos e vacinas, evitando a descontinuidade do processo de imunização da população. O surgimento de novas cepas, transformando o Brasil em celeiro de variantes, o coloca à margem dos países que privilegiam a vida, sem a qual a economia também morre.

Ismael Ivo
1955 - 2021



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter no máximo 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Tudo do povo

Leitor reclamou de Ary Barroso com a música *Meu Brasil brasileiro*. Ora, caríssimo, o pronomo possessivo cabe muito bem aí. Todos nós podemos falar em “meu Brasil” ou em “nosso Brasil”. Ninguém pode se apropriar de “meu ou nosso Brasil” como sua propriedade. Mas pode evocá-lo, saudá-lo, honrá-lo. O Exército, as Forças Armadas, os prédios públicos, as ruas, os parlamentos, os ministérios, os palácios, os tribunais, as autarquias, nada disso é propriedade particular. O solo, o verde de nossas matas, o ouro do nosso chão, o azul do nosso céu são tudo “coisa nossa”, pois tudo pertence ao povo brasileiro. Rodovias, ferrovias, monumentos, portos, aeroportos, tudo isso são entidades físicas ou simbólicas que servem ao público. Quem nelas trabalha é chamado de ‘servidor público’; do menor ao maior, todos são/somos servidores, sem exceção. Ary Barroso foi extremamente feliz com sua aquarela do Brasil. O Brasil é nosso, é do povo que aqui nasce, aqui trabalha, aqui paga impostos para a sua manutenção. Os coqueiros que dão coco, as fontes murmurantes, as praias e montanhas, a fauna e a flora, os risonhos e lindos campos — tudo é nosso. É tudo do povo brasileiro e de mais ninguém!

» **Thelma B. Oliveira**,
Asa Norte

Fé e covid

Na disputa por uma cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF) vale tudo para agradar a Jair Bolsonaro. Até ignorar a ciência e defender a reabertura de templos no pior momento da pandemia. Na quarta-feira (31/3), o procurador-geral da República pediu a derubada do decreto paulista que suspendeu temporariamente os cultos presenciais. A medida fez parte de um pacote emergencial para tentar frear o avanço da covid-19. Sem argumentos racionais à mão, Augusto Aras apelou a um misto de negacionismo com misticismo. O procurador-geral disse estar preocupado com a “saúde mental e espiritual da população brasileira, que precisa de assistência religiosa para o enfrentamento de momento tão grave da pandemia”. No dia seguinte, o então ministro da Justiça correu para endossar o pedido. O papa Francisco deu o exemplo ao conduzir a cerimônia da Via-Sacra sem público pelo segundo ano seguido. O lobby para reabrir os templos no Brasil tem motivações menos espirituais do que terrenas. Desde o início da pandemia, religiosos que apoiam o governo têm reclamado da queda na receita. Sem cultos presenciais, a arrecadação do dízimo despencou. Isso explica a pregação em nome de Deus contra as medidas sanitárias que salvam vidas. Com meus respeito, esses religiosos insensatos priorizam com volúpia e ganância suas arrecadações financeiras, em vez de preservar a saúde e a vida dos

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Fogueira em praça pública: livros serão taxados.

Eduardo Pereira — Jardim Botânico

Fraternidade é amor ao próximo. As religiões pregam a fraternidade. Aglomerar agora é um risco para a vida dos outros. Deixar de ir temporariamente aos templos é um ato de fé e caridade.

Joaquim Antunes de Carvalho — Asa Norte

Cresce o número de infectados e de óbitos no DF. Mas o governo local insiste em seguir a necropolítica do mito do Planalto.

Joaquim Honório — Asa Sul

CPI para quê? Sabe-se que tudo não passará de encenação.

Os culpados comandam o país.

Arthur de Castro — Asa Sul

Nosso Rasputin

A duras penas, Bolsonaro se livra da presença do astrólogo Olavo de Carvalho sobre seu governo. Esse aprendiz de Rasputin imita Trump e sua filosofia de extrema direita antiglobalista exercia influência sobre parentes do presidente. Como o monge russo, Olavo fez grandes estragos no governo. Seus adeptos ocuparam ministérios que tiveram o pior desempenho: Educação e Relações Exteriores. Na Educação, nomeou o colombiano Ricardo Rodriguez, que saiu logo, porque não tinha ideia do que fazia ali. Em abril, assumiu Abraham Weintraub, que ficou famoso por declarações ofensivas e agressivas contra educadores e autoridades brasileiras e estrangeiras, como ministros do STF e representantes de países estrangeiros, e saiu do país às pressas. A educação, tão importante para o desenvolvimento, perdeu praticamente dois anos com eles. Nas Relações Exteriores, o caos foi igual ou pior. Ernesto Araújo não tinha perfil de diplomata e não poderia ter sido ministro. Era uma fonte permanente de problemas, com suas declarações polêmicas e inoportunas. Na pandemia, deveria ter ajudado na busca de medicamentos e vacinas, mas só criou atritos e dificuldades. Ele isolou o Brasil no cenário internacional e se orgulhava de o país ser do mundo pária mundial. Saiu sem saber qual era o papel do chanceler e serviu mais a Trump e a Olavo do que ao Brasil. Mas Olavo parece ter mais adeptos no governo, como o Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que nega o aquecimento global e os desmatamentos e as queimadas no país. Salles disputou com Ernesto quem causava mais mal à imagem do Brasil no exterior. Era um páreo duro.

» **Ricardo Pires**,
Asa Sul



ANA DUBEUX
anadubeux.df@dabr.com.br

Reescreva a própria história

Existe um lugar em nós que é sempre quentinho. Como colo de mãe, abraço de amigo ou cama macia com edredom. Chama-se zona de conforto. Se você pode passar dias e noites morando nesse espaço aconchegante, por que mesmo haveria de querer mudar? Eu te digo: porque é necessário, sempre é necessário sair e ver o mundo. Ainda que ele, muitas vezes, pareça feio, difícil, frio e escuro.

Se a pandemia não tirou você da zona de conforto, há algo errado por aí. Desconfie se a tristeza não bateu na porta, se a angústia não pediu abrigo, se o desespero não gritou em algum momento. Pede pra sair. Há um mundo lá fora e você precisa olhar para ele. É preciso enxergar mais na frente, ao lado, atrás. Ver por todos os ângulos e, ainda assim, perceber o quanto muitos de nós somos privilegiados. Aí a gente se dá conta de que há muito a ser feito, mesmo confinados, isolados, desmotivados e pouco esperançosos.

Para mim, a zona de conforto é como uma trincheira de guerra. É difícil sair dela quando tem tiro para todo lado. Ao mesmo tempo, sei que não é um lugar seguro de estar neste momento. O que nos traz segurança é paz de espírito, e ela inclui enfrentar os temores mais profundos, entender a mão para ajudar o próximo, cuidar da família e dos amigos, buscar soluções diferentes para problemas contínuos.

Há inimigos lá fora. Gente de todo tipo, que nega a pandemia, que negligencia cuida-

dos básicos, que celebra a escalada de mortes. No poder, há quem atente contra a vida de tantos, colocando a ciência debaixo da lupa dos ignorantes e postergando nosso encontro com a vacina que salva vidas. É preciso enfrentá-los o quanto antes. Para isso, se fortaleça.

Também há inimigos dentro de nós. Assim é a mente, serpente que não perde uma oportunidade de dar o bote. Acalmá-la é essencial. Eu, que já tive uma experiência sublime com a prática de meditação, sugiro o curso da Sociedade Vipassana. Acesse a página da entidade (<https://sociedadevipassana.org.br/>) e entenda o que o Programa de Redução do Estresse, que começa ainda em abril, pode fazer pela sua saúde física e emocional.

Existem outros remédios para sair da zona de conforto. Um hobby, uma prática manual, um talento escondido que pode aflorar. Dona Valeriana, mãe de um amigo, nunca teve e-mail, celular ou redes sociais, mas tinha o bordado como passatempo. Na pandemia, trabalhou como nunca. Para surpresa do filho, ela criou uma loja no Instagram e pôs o ofício no mundo. Segue lá: [@ponto.a.ponto17](https://www.instagram.com/ponto.a.ponto17).

Quantos de nós são capazes de sair do lugar e tentar algo novo? Sempre é tempo. E essa é a melhor forma de lidar com a pandemia. Não dá mais pra ser igualzinho a antes. A inércia hoje é estupidez. Aprenda qualquer coisa nova, mexa o corpo, saia da casinha e mostre ao próximo que ele também é capaz.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
É se mais mundo houera, lá chegara”
Candôes, e VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526; 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - Pr. andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: sociosdss@uigigga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalarj@uigigga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabrasil.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrrm@hrmutilmidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCS Qda G2, Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: tbuag@supublicidade.com.br. Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

ANUIVZ Associação Nacional de Editores de Jornais
Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 2,50	R\$ 4,00
MG/RJ/SP	R\$ 4,00	R\$ 5,00
TO/MA/CE/PI	R\$ 4,00	R\$ 5,00
RN/PB/PE	R\$ 4,00	R\$ 5,00

ASSINATURAS*		
SEG a DOM (promocional)	R\$ 789,88	360 EDIÇÕES

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias:
SIC Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DA LOG
Agenciamento de Publicidade